

Implicações do conceito foucaultiano de heterotopia nos estudos discursivos

Implications du concept foucauldien d'hétérotopie dans les études discursives

Décio Rocha

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Bruno Deusdará

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: Este trabalho tem por objetivo retratar a trajetória do conceito de heterotopia na obra de Michel Foucault, acentuando suas interseções com uma perspectiva discursiva das práticas linguageiras. Se falamos em interseções, é porque reconhecemos na heterotopologia o estudo das relações entre espaço e poder, articulação que sempre está presente nas preocupações do analista do discurso. Com base em um caminho metodológico assentado na pesquisa documental e em práticas cartográficas (DELEUZE; GUATTARI 1995), buscaremos rever a construção do conceito de heterotopia, passando, em seguida, a uma iniciativa inovadora no universo das práticas linguageiras: um ensaio de análise de texto veiculado na mídia cuja construção reflete a realidade de espaços heterotópicos. Dentre os resultados obtidos, enfatizamos a pertinência de uma análise de ordem discursiva com base no conceito de heterotopia e, por meio de procedimentos atinentes em especial a um dos princípios da abordagem cartográfica, a apreensão de um plano coletivo de forças em embate presentes na narrativa analisada.

Palavras-chave: Heterotopia; Poder; Cartografia; Abordagens discursivas

Resumé: Ce travail vise à retracer la trajectoire du concept d'hétérotopie dans l'œuvre de Michel Foucault, en mettant l'accent sur ses intersections avec une perspective discursive des pratiques langagières. Si nous parlons d'intersections, c'est parce que nous reconnaissons dans l'hétérotopologie l'étude des relations entre espace et pouvoir, une articulation toujours présente dans les préoccupations de l'analyste du discours. À partir d'un parcours méthodologique fondé sur la recherche documentaire et les pratiques cartographiques (DELEUZE; GUATTARI 1995), nous chercherons à faire le point sur la construction du concept d'hétérotopie, et nous passerons ensuite à une initiative novatrice dans l'univers des pratiques langagières : un essai d'analyse de texte publié dans les médias dont la construction reflète la réalité des espaces hétérotopiques. Parmi les résultats obtenus, nous soulignons la pertinence d'une analyse discursive basée sur le concept d'hétérotopie et, à travers des procédures liées notamment à l'un des principes de l'approche cartographique, l'explicitation d'un plan collectif de forces conflictuelles présentes dans le corpus analysé.

Mots-clés: Hétérotopie; Pouvoir; Cartographie; Approches discursives



Este artigo trata do conceito de heterotopia, presente nos escritos de M. Foucault já nos anos 1960 e retomado pelo autor em trabalhos posteriores, mas de forma parcimoniosa. A não explicitação do conceito de forma mais frequente em sua obra não significa, para nós, que o autor o abandone ou que lhe atribua um papel secundário em suas reflexões. Pelo contrário, trata-se de um conceito que esteve subjacente à reflexão sobre a problemática do poder empreendida por Foucault. Essa perspectiva a respeito do lugar conferido ao conceito de heterotopia é compartilhada por D. Defert, para quem a noção demandava “uma história foucaultiana dos espaços, mais precisamente, da espacialização do poder, mais precisamente ainda, da inscrição no espaço colonial – heterotópico – desse regime de poder particular que se desenvolve a partir do século XVIII e que Foucault designa de biopoder ...” (DEFERT 2009[2013, p. 51])¹, perspectiva que reencontramos literalmente nas palavras do próprio filósofo, para quem “o espaço é o lugar privilegiado de compreensão de como o poder opera”. (FOUCAULT 1994). Por suas ligações com a noção de poder, pode-se antever a relevância do debate em torno do conceito de heterotopia para os estudos centrados em uma perspectiva discursiva.

Dois são os procedimentos metodológicos que adotaremos neste trabalho: i) pesquisa documental para levantamento do estado da arte do conceito de heterotopia – conceito até o momento pouco explorado, pelo menos no campo dos estudos discursivos; ii) pesquisa cartográfica (DELEUZE; GUATTARI 1995; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA 2010), visando mapear o plano coletivo de forças que se confrontam na experiência de aplicação (intervenção?) do conceito de heterotopia no ensaio de análise que faremos no tópico 3.

1 A invenção de um conceito

O conceito de heterotopia surge na obra de Foucault no prefácio de *As palavras e as coisas*:

As utopias consolam: é que, se elas não têm lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a

¹ Tendo em vista o critério cronológico que adotaremos para retrazar a trajetória do conceito de heterotopia nos trabalhos de Foucault, adotaremos o seguinte procedimento: entre parênteses, ao lado do nome do autor, registramos o ano da 1ª edição da obra e, entre colchetes, o ano da edição consultada, seguida da referência ao número de página, se for o caso.

linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases – aquela menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. Eis por que as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula; as heterotopias (encontradas tão frequentemente em Borges) dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases. (FOUCAULT 1966[1967, p.6])

Trata-se de um gesto de sucessivas intertextualidades: o filósofo retoma o que encontrara em texto de Jorge Luis Borges, de 1952, intitulado “O idioma analítico de John Wilkins”, publicado em *Otras Inquisiciones*, em particular um trecho que Borges, por sua vez, havia encontrado em uma enciclopédia chinesa intitulada *Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos*. Eis o trecho que Borges retira da enciclopédia:

[nas remotas páginas da enciclopédia] consta que os animais se dividem em (a) pertencentes ao Imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis, (k) desenhados com um finíssimo pincel de pelo de camelo, (l) etcétera, (m) que acabam de quebrar o vaso, (n) que de longe parecem moscas. (BORGES 1952[1974 p. 708])²

Foucault declara que a leitura do texto de Borges extraído da referida enciclopédia chinesa o fez rir durante algum tempo, “não sem um mal-estar evidente e difícil de vencer” (FOUCAULT 1966[1967, p.5]. Um mal-estar que o autor explica da seguinte maneira: o texto levantava a suspeita de que “há desordem pior que aquela do incongruente e da aproximação do que não convém; seria a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito;” (FOUCAULT 1966[1967, p.5-6]).

Eis precisamente o que ocorre na experiência de John Wilkins (1614-1672), filósofo natural inglês³, cuja obra mais conhecida é *An essay towards a real character and a philosophical language*, de 1668, voltada para a construção de uma “linguagem mundial”, na qual cada palavra se define a si mesma. Para exemplificar o trabalho de Wilkins, que, na referida obra, dividiu o universo em quarenta categorias (cada uma representada por um monossílabo de duas letras), subdivisíveis em diferenças

² Tradução nossa, procedimento que adotaremos em todo o artigo.

³ A filosofia natural foi precursora das ciências naturais.

(representadas por uma consoante), divisíveis, a seu turno, em espécies (representadas por uma vogal). Tomemos a palavra “deba”, cujo significado seria reconhecido por se conhecer o valor de cada uma de suas “partes”: “de” significa “elemento”; “b”, o primeiro dos elementos, a saber, o fogo; “a”, uma porção do elemento fogo, a saber, a chama.

Percebe-se que tal projeto implica uma organização semântica do mundo, projeto que pode ser exemplificado com a nona categoria do universo apresentada por Wilkins, a saber, a categoria dos metais, que podem ser: (i) imperfeitos, como o cinabre e o azougue; (ii) artificiais, como o bronze e o latão; (iii) recrementícios, que compreendem secreções passíveis de serem reabsorvidas (limalhas, ferrugem); (iv) naturais, como o ouro, o cobre, o estanho.

O idioma analítico de Wilkins introduz gêneros e espécies “contraditórios e imprecisos”, traços que fazem imediatamente pensar no enciclopedista chinês. Em seus esquemas, o idioma idealizado por Wilkins apresenta algumas “vantagens”:

... o artifício de as letras das palavras indicarem subdivisões e divisões é, sem dúvida, engenhoso. A palavra salmão não nos diz nada; zana, o vocábulo correspondente [no idioma idealizado por Wilkins], define (para o homem versado nas quarenta categorias e nos gêneros dessas categorias) um peixe escamoso, fluvial, de carne avermelhada. (BORGES 1952[1974 p. 708])

Depois de *As palavras e as coisas*, o conceito de heterotopia é retomado por Foucault por ocasião de um convite que recebe de responsáveis por uma série radiofônica francesa chamada “Cultura francesa”. Em 7 de dezembro de 1966, Foucault ali se apresenta para tratar do tema “Utopia e Literatura”. O ponto de partida de sua conferência é uma reflexão de G. Bachelard acerca dos espaços que encantam as crianças – celeiros, fundo de jardim, tenda de índios, cama dos pais, que, segundo o filósofo, são “verdadeiras utopias localizadas”.⁴ Tal reflexão conduz Foucault a sonhar com uma ciência que teria por objeto esses “espaços diferentes que são a contestação dos espaços onde vivemos”: a ciência das heterotopias, dos espaços absolutamente outros.

⁴ A concepção bachelardiana de espaço pode ser recuperada em *A poética do espaço*, obra na qual o autor analisa a casa, o porão, o sótão, a cabana, e também os espaços onde habitam as coisas, como gavetas, cofres e armários, espaços íntimos e abrigos ocasionais. Diz o filósofo: “... é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios.” (BACHELARD 1958, p. 202)

A conferência do filósofo produz seus efeitos. Em 2 de março de 1967, Foucault, que vivia então em Sidi Bou Saïd, na Tunísia, escreve uma carta a Daniel Defert na qual menciona telegrama recebido de um arquiteto que lhe solicita que refaça sua conferência radiofônica em 13 ou 14 de março. O que efetivamente tem lugar em 14 de março, a convite do Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris. O tema dirigido a arquitetos não poderia ser outro: a concepção foucaultiana de espaço. O texto da conferência é publicado em 1968 na revista italiana *L'Architettura*, sob o título “Des espaces autres” (FOUCAULT 1968).

A partir de 1975, com *Vigiar e Punir*, as análises foucaultianas do espaço, que consistem em estudos sobre a arquitetura da vigilância, recebem uma nova visibilidade como lugar de uma dupla articulação do poder sobre o corpo do indivíduo e do saber ao poder.

Em dezembro de 1977 ressurgem os debates sobre as heterotopias no contexto da Escola de Arquitetura de Veneza, quando se faz um primeiro estudo sobre um possível uso do conceito em uma história dos espaços, *Il dispositivo Foucault*, obra que reúne ensaios de Massimo Cacciari, Franco Rella, Manfredo Tafuri e Georges Teyssot, em meio a várias referências a *Vigiar e Punir*, a *Microfisica del potere* (1977) e também a *Rhizome*, de Deleuze e Guattari (1976). Todas essas leituras se tornaram referências teórico-políticas do movimento chamado “Autonomie” – autonomia do político, acrescente-se, que os italianos denominaram “l’effetto Foucault”.

Il dispositivo Foucault desempenhou um papel decisivo na caracterização de uma heterotopologia, ciência voltada para o estudo das heterotopias, conforme se verifica no seguinte trecho, de autoria de F. Rella, publicado na introdução à coletânea: “A única história dos poderes é uma história dos espaços através dos quais o poder se mostra.” [...] “O não lugar do poder situa-se no centro de uma infinidade de localizações heterotópicas.” (RELLA, F., apud DEFERT, 2009[2013, p.48]). E se dizemos que tais reflexões foram decisivas para a proposição de uma heterotopologia, é porque esta passa a ser compreendida como “fenomenologia da dispersão anárquica do poder”: “não se combate mais o poder, doravante investido em uma miríade de localizações [ou dispositivos], mas a tirania das teorias globalizantes”. Tais teorias são chamadas por Rella de “l’effetto Marx”, em explícito contraponto ao mencionado “effetto Foucault”.

Em julho de 1976, por ocasião de uma entrevista concedida por Foucault sobre o panoptismo, que seria publicada no ano seguinte, o filósofo menciona pela primeira vez sua conferência de 1967. Em nova entrevista concedida em 1982 a Rabinow e Wright⁵, Foucault retoma seu conceito de heterotopia: “espaços singulares que encontramos em alguns espaços sociais cujas funções são diferentes das dos outros, ou terminantemente opostas.” (DEFERT 2009[2013, p.52]).

As entrevistas e conferências de Michel Foucault sobre o tema das heterotopias são largamente exploradas em diversos momentos. Em 1984, o Instituto berlinense de Arquitetura retoma a conferência “Des espaces autres”, publicada em 1968. O texto é republicado no mesmo ano em Berlim, versão que figura no volume IV de *Dits et écrits* – uma reescritura mais completa do texto de 1967. Em 1986, sua tradução em inglês, “Of other spaces” é publicada sucessivamente nas revistas *Diacritics* e *Lotus*. A partir de então, com sua primeira tradução americana, procede-se a novas utilizações dos “espaços outros”: Foucault se torna referência no campo de investigações que os americanos denominam “políticas da identidade”: movimentos feministas, movimento *gay*, grupos étnicos, além dos estudos em análise literária (CERTEAU 1986). Três outras versões do mesmo texto em língua inglesa são publicadas em 1997, 1998 e 2008, e uma nova versão francesa, mais ordenada do que a de 1967, é lançada em 2001. Finalmente, em 2009, as *Nouvelles Editions Lignes* publicam *Le corps utopique, les hétérotopies*, texto seguido de um posfácio da autoria de Daniel Defert, obra que originou a edição bilíngue (português e francês) produzida pela editora n-1 em 2013.

2 Explicitando a distância entre as abordagens linguística e heterotópica do espaço

Como referência para a delimitação da distância entre as abordagens mencionadas, cabe aqui, dadas as limitações deste texto, apenas indicar que, do ponto de vista linguístico, abrangendo tanto orientações descritivistas quanto textuais e mesmo enunciativas, o tratamento conferido à categoria do espaço segundo critérios linguísticos está assentado em dois parâmetros fundamentais: (i) o tipo de palavra ou sintagma em questão: pronome

⁵ Entrevista publicada em *Skyline*, revista americana de arquitetura, sob o título “Space, knowledge, power, entretien avec P. Rabinow”, em março de 1982, e republicada em *Dits et écrits*, tome IV, n. 340, pp. 270-285.

demonstrativo (este/isto, esse/isso, aquele/aquilo), advérbio de lugar (aqui, aí, ali etc.), sintagma preposicional (na rua, em São Paulo etc.); (ii) o tipo de função exercida pela marca linguística: função exofórica (isto é, dêitica) ou endofórica (casos de anáfora e catáfora). Dentre outras relações passíveis de se verificarem, a função dêitica apreendida nas ocorrências de demonstrativos e advérbios de lugar encontra-se na dependência da categoria de pessoa: formas que remetem à 1ª. pessoa (este, aqui), à 2ª. pessoa (esse, aí) e à 3ª. pessoa (aquele, ali)⁶.

Bastante diversa é a apreensão do espaço pelo viés da heterotopia. Começamos por um breve parêntese para recuperar um primeiro sentido do termo. Trata-se, em sua origem, de termo médico referente a um tecido particular que se desenvolve em um local não usual (JOHNSON 2016, p. 3); ou um órgão em um lugar diferente do original. Pode ser consequência de um defeito genético, ou intencionalmente feito cirurgicamente, a exemplo de um coração transplantado em posição próxima à do coração original para agirem complementarmente.

Transportado para os estudos foucaultianos sobre o espaço, o conceito de heterotopia pode ser pensado como “utopias que têm um lugar preciso e real, que podemos situar no mapa”, ou ainda “utopias que têm um tempo determinado, que pode ser medido conforme nosso calendário” (FOUCAULT 2009[2013, p. 19])⁷. O fato é que vivemos não num espaço neutro, mas num espaço matizado com zonas claras e sombras, com suas regiões de passagem (as ruas, os veículos etc.),⁸ as regiões abertas de parada transitória (os cafés, os cinemas, praias, hotéis etc.) e as regiões fechadas de repouso e moradia (FOUCAULT 2009[2013, p. 19]). Acrescenta ainda o filósofo os lugares que se opõem a todos os demais, designados contraespaços, que, pretendendo apagar, neutralizar, purificar o espaço em que vivemos, caracterizam-se como contestações míticas e reais desse espaço vivido (FOUCAULT 2009[2013, p.20]).

Foucault apresenta seis princípios para descrever essa função heterotópica. O primeiro deles afirma que toda sociedade tem as suas heterotopias. Um traço de sociedades mais primitivas são as heterotopias biológicas, ditas heterotopias de crise: espaços reservados para adolescentes na puberdade, locais destinados à mulher durante o

⁶ No português brasileiro, os demonstrativos *este* e *esse* perdem sua ligação com a 1ª. e a 2ª. pessoas, respectivamente.

⁷ As heterotopias (Foucault 2009[2013]) foi o texto que serviu de base para a redação do presente tópico.

⁸ Em estreita ligação com a ideia de alteridade, o conceito de *não lugar*, de Marc Augé (1994), se refere a espaços públicos de rápida circulação, em oposição à noção de “lugar antropológico”.

período de menstruação são exemplos, além dos colégios para rapazes ou para moças do século XIX; caracterizam-se ainda como espaço / tempo heterotópico a viagem de núpcias e o período destinado ao serviço militar. Mais recentemente vemos surgir as heterotopias de desvio: casas de repouso, clínica psiquiátrica, prisão.

Segundo princípio: no curso de sua história, toda sociedade pode extinguir uma forma de heterotopia ou criar novas. Para exemplificar o primeiro caso, destruição das casas de prostituição ou seu deslocamento para regiões de menor visibilidade; quanto à criação de novas formas de heterotopia, citemos o caso dos cemitérios, que deixam de ocupar o lugar central nas cidades para se deslocarem para as periferias; ou então a multiplicação de suas funções, como é o caso de cemitérios como o Père-Lachaise, em Paris, simultaneamente espaço para depósito dos mortos e lazer dos vivos.

Terceiro princípio: uma das regras da heterotopia é a justaposição em um lugar real de vários espaços que normalmente seriam incompatíveis. É o caso do cinema e do teatro, que reúnem num mesmo espaço (a tela do cinema e o palco do teatro) cenas que retratam outros lugares e tempos; o mesmo pode ser dito dos jardins zoológicos, com a exibição de animais oriundos de diversos pontos do planeta. Acrescentem-se ainda os jardins e os tapetes (em especial os de origem persa, que, divididos em quatro partes, representam os quatro elementos componentes do mundo).

Quarto princípio: as heterotopias são frequentemente ligadas a recortes singulares do tempo, condição que conduz à designação “heterocronias”, cujas manifestações são diversas: atualizando o acúmulo de diferentes tempos, cemitérios (lugar onde o tempo não mais escoar), museus, bibliotecas (onde diferentes tempos e lugares se acumulam); instaurados num modo de festa em regime de cronicidade temos os teatros, as feiras, as colônias de férias; colégios e casernas também ilustram as heterocronias, uma vez que ambos são modos de passagem, de transformação (a criança transformada em adulto nos colégios; os camponeses transformados em cidadãos nas casernas).

Quinto princípio: as heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola (e também as torna penetráveis) em relação ao espaço circundante. Tal é o caso das prisões (onde se entra porque se é obrigado), dos banhos turcos e das saunas escandinavas (onde se entra para se purificar), dos motéis (onde se entra para abrigar e manter afastada a sexualidade ilegal).

Sexto princípio: heterotopias funcionam para criar um espaço de ilusão que denuncia, como mais ilusório ainda, todo espaço real (como é o caso das casas de tolerância), ou, pelo contrário, criam um outro espaço, real, tão perfeito quanto o nosso é desordenado, mal organizado (caso típico das colônias fundadas no Novo Mundo).

Foucault ainda inclui em sua reflexão sobre heterotopias a imagem do barco, visto pelo autor como a heterotopia por excelência, e também as máscaras, tatuagens e maquiagem, dispositivos que instalam o corpo em um outro espaço – um espaço imaginário.⁹

Por todas as características apontadas, compreende-se que a ideia de heterotopia encontre larga inspiração no surrealismo de Paris do início do século XX, movimento que valorizava a fantasia e o universo onírico, com sua estética de colagens que justapunha objetos sem qualquer conexão aparente, exibindo seu ilogismo e irracionalidade decorrentes de uma afinidade com a noção de inconsciente da teoria psicanalítica de S. Freud. Vários são os nomes que deram corpo à estética surrealista: André Breton e Guillaume Apollinaire (na literatura), Antonin Artaud (no teatro), Max Ernst (na pintura e na literatura), René Magritte (pintura), Luis Buñuel (cinema). Destaca-se ainda o nome de Salvador Dalí, que, inspirado em trecho da obra de Lautréamont intitulada *Les Chants de Maldoror* (1869) citado por André Breton (“Belo como o encontro fortuito, sobre uma mesa de dissecação, de uma máquina de costura e um guarda-chuva”), pintou, em 1941, em conformidade com o princípio da mescla paradoxal de objetos desconexos, o quadro “Máquina de costura com guarda-chuva em uma paisagem surrealista”.¹⁰

3 Heterotopias: breve ensaio de análise

Retomemos aqui o que se explicita por intermédio dos terceiro e quarto princípios da heterotopia registrados no segundo tópico deste texto: a “fusão” de espaços e de tempos que estariam, a princípio, desconectados. Tais princípios são, a nosso ver, particularmente

⁹ De interesse para o desenvolvimento do tema será explorar o conceito de *thirdspace* (SOJA 1996), que pressupõe a desconstrução da lógica binária que vem regendo a concepção de espaço (o espaço material e o espaço mental).

¹⁰ A referida obra de Dalí foi encomendada para inspirar uma sequência onírica do filme *Moontide* (1942, intitulado no Brasil *Brumas*), dirigido pelo alemão Fritz Lang, o qual foi, mais tarde, substituído por Archie Mayo, que acabou não utilizando o quadro de Dalí em suas filmagens.

produtivos por possibilitarem vinculação mais próxima com a prática analítica que temos perseguido no âmbito dos estudos discursivos. Essa prática consiste em afirmar, entre outros princípios, o de “trabalhar com as instituições (clínica, oficina, escola etc.) na perspectiva de um espaço-tempo de visibilidades, em articulação com uma abordagem do plano enunciativo, abrindo espaço para as diferentes composições de fora que definem o poder” (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p. 216).

Nesse tipo de trabalho, perseguimos a apreensão de marcas linguístico-discursivas com o compromisso de fazer ver a indissociabilidade entre a produção textual e a composição social para a qual se busca legitimidade como investimento do exercício do poder. Nessa direção, outro princípio da pesquisa cartográfica se nos impõe: “cartografar o real, e não representá-lo, buscando, na composição dos objetos, as redes de relações históricas que os compõem” (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p. 216). Assim, como se verá a seguir, a notícia assinada por Nelson Gobbi e publicada no Segundo Caderno de *O Globo*, de 01 de março de 2021, possui forte vocação heterotópica, tendo em vista as mesclas de espaço e de tempo que promove. Passemos à leitura de um trecho da referida notícia:

Imagem 1 - Trecho de notícia sobre França Antártica, publicada em *O Globo*

A FRANÇA ANTÁRTICA e seus embates com os portugueses, que deram origem à cidade do Rio, são tema de livro com visões para além da História

NOTÍCIAS DE UMA GUERRA PARTICULAR



"França Antártica — Ensaios multidisciplinares".
Organizadores: Maria Barbara, Renato Menezes e Sheila Hue.
Editora: Unicamp.
Páginas: 296.
Preço: R\$ 66.

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Nas aterrissagens no Aeroporto Santos Dumont é difícil notar a pequena área insular junto à pista de pouso, sobretudo diante da exuberância da Baía de Guanabara e de cartões-postais como o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor. Mais difícil ainda é imaginar a importância da Ilha de Villegagnon, desde a década de 1930 cedida à Escola Naval, para a fundação da cidade, há 456 anos. Ocupada por franceses em 1555, a pequena porção de terra foi batizada com o nome do almirante Nicolas Durand de Villegagnon, que nela ergueu o Forte Coligny. A vitória das tropas portuguesas comandadas pelo governador-geral Mem de Sá em 1560 e a fundação do Rio, em 1º de março de 1565, garantiram a presença da ilha e da França Antártica, denominação dada à primeira tentativa de ocupação francesa na América do Sul, nos livros de História.

Recém-lançada, a obra "França Antártica — Ensaios interdisciplinares" traz, em 11 textos, visões de especialistas de várias áreas so-

bre o evento, transcendendo a narrativa histórica e destacando a sua importância muito além dos limites do Rio ou do Brasil, pela forma como os relatos colhidos no período ajudaram a formar o imaginário europeu a respeito do Novo Mundo.

Fonte: Nelson Gobbi, *O Globo* de 01/03/2021, Segundo Caderno, p. 1

O que se percebe no texto publicado em *O Globo* no que diz respeito às articulações entre espaço e poder? Em primeiro lugar, trata-se de um texto destinado a

anunciar o lançamento de livro sobre a França Antártica, intitulado “França Antártica – Ensaios interdisciplinares”, organizado por três acadêmicos: Maria Berbara, Renato Menezes e Sheila Hue. O referido anúncio de lançamento de obra recém-publicada não se faz sem que se explicita o que chamamos de “vocalização heterotópica do texto”. Numa mesma cena publicada na notícia, assiste-se a diversas forças em embate (lembre-se que, desde *Vigiar e Punir*, o estudo das relações de poder – forças em embate – se beneficia da ênfase conferida aos espaços): (i) “a pequena área insular junto à pista de pouso” *versus* os cartões postais do Rio, a saber, Pão de Açúcar e Cristo Redentor; (ii) franceses *versus* portugueses; (iii) República Francesa (país europeu) *versus* (ou em aliança com) França Antártica (ilha situada no Rio de Janeiro do século XVI); (iv) pequena extensão da ilha *versus* sua grande importância para a fundação do Rio; (v) fundação da cidade em 1565 *versus* lançamento do livro sobre a França Antártica em 2020; (vi) perspectiva do repórter de um sobrevoo da cidade *versus* perspectivas de especialistas de várias áreas sobre o tema da França Antártica; (vii) importância da narrativa histórica para o Brasil *versus* importância dos relatos para formar o imaginário europeu acerca do Novo Mundo; (viii) aniversário da cidade do Rio de Janeiro, fundada em 01 de março de 1565, *versus* publicação no Segundo Caderno de *O Globo* da notícia em tela, também em 01 de março, mas de 2021.

Como se pode observar, ao elegermos como dispositivo explicitador do funcionamento enunciativo do texto os vários os embates que se atualizam em uma abordagem heterotópica do espaço (e heterocrônica do tempo), sua apreensão em um plano coletivo de forças é favorecida por uma perspectiva cartográfica¹¹. A sensibilização do analista se abre por meio da própria designação “França Antártica”, que já é uma heterotopia: fusão do país situado no hemisfério norte na Europa ocidental (França) com o mais meridional dos continentes (Antártica ou Antártida), para nomeação de uma das ilhas situadas na baía de Guanabara do século XVI.

Numa mesma cena heterocrônica encontram-se o século XVI e o século XXI, a fundação da cidade e o dia comemorativo de seus 456 anos; ou ainda o tempo da formação da França Antártica em contraposição ao tempo do viajante em deslocamento aéreo sobre a cidade do Rio de Janeiro.

¹¹ A respeito de uma abordagem cartográfica dos textos verbais, ver Deusdará e Rocha (2021).

Outros embates se atualizam no restante da notícia. A título de ilustração, cito apenas três outros casos que se recuperam na leitura do texto completo: católicos *versus* protestantes (embates que se verificam entre os pontos de vista de um calvinista e de um franciscano do século XVI a respeito da presença dos franceses no Rio de Janeiro); o imaginário bidimensional desse Novo Mundo, misturando a visão de paraíso perdido *versus* a narrativa do selvagem e suas práticas de canibalismo; finalmente, tamoios, aliados dos franceses, *versus* temiminós, do grupo tupi, aliados dos portugueses.

4 Concluindo: heterotopia e discurso

O que se explicita exatamente por intermédio de todas as considerações aqui feitas? Enquanto analistas do discurso, o que é preciso reter dessa experiência que reúne numa só reflexão noções como as de espaço e poder? Um primeiro ensaio de resposta à questão formulada: é preciso reter a crítica foucaultiana da capacidade representacional da linguagem em geral. E ainda reconhecer as evidências de uma “desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis” (DEFERT 2009[2013, p.35]). Com efeito, depositar no linguístico a esperança de encontrar valores estabelecidos de uma vez por todas, fixando-se uma – e apenas uma – ordem no mundo (poderíamos dizer uma e apenas uma verdade) é uma tentativa fadada ao fracasso. Na esteira da lógica insólita da enciclopédia chinesa a que nos referimos, recuperamos trabalhos como o do antropólogo escocês Victor Turner que, em uma de suas pesquisas, descreve de que modo os Ndembu, da República da Zâmbia, propõem uma singular organização de mundo que, por inusitada que pareça, reúne em uma mesma classe os caçadores, as viúvas, os doentes e os guerreiros. Como o lembra Defert (2009[2013, p. 36-37]), “não se pode pensar sem o suporte de um ‘espaço de ordem’, sem esta ‘zona mediana’ que Foucault qualifica de arqueológica, por sob nossas percepções, nossos discursos, nossos saberes, onde se articulam o visível e o enunciável: a linguagem, o olhar e o espaço.”

Uma concepção do espaço por uma ótica heterotópica denuncia muito claramente a falácia segundo a qual o sentido poderia estar contido na materialidade verbal – uma ótica, aliás, certamente compartilhada pelas Análises do discurso. Eis, desse modo, em depoimento de Foucault, a nova perspectiva inaugurada pelo projeto de uma heterotopologia:

Reprovaram-me muito por essas obsessões espaciais, e elas de fato me obcecaram. Mas, através delas, creio ter descoberto o que no fundo procurava: as relações que podem existir entre poder e saber. Desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se apreender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos. (FOUCAULT 1976[1979, p. 158])

E mais adiante, uma declaração relevante para os estudos do discurso:

Quem encarasse a análise dos discursos somente em termos de continuidade temporal seria necessariamente levado a analisá-los e encará-los como a transformação interna de uma consciência individual. (...) [tentar decifrar as transformações do discurso] através de metáforas espaciais, estratégicas, permite perceber exatamente os pontos pelos quais os discursos se transformam por meio de e a partir das relações de poder. (FOUCAULT 1976[1979, p. 158])¹²

Como se percebe no trecho transcrito a seguir, seria desejável transferir também para os analistas do discurso a responsabilidade que, em entrevista, Foucault atribui aos geógrafos:

Cabe a vocês [geógrafos], que estão diretamente ligados ao que se passa na geografia, que se deparam com todos esses confrontos de poder em que a geografia está envolvida, cabe a vocês enfrentá-los, forjar os instrumentos para este combate. E, no fundo, vocês deveriam me dizer: “Você não se ocupou com esta coisa que não lhe diz muito respeito e que você não conhece bem”. E eu lhes responderia: “Se uma ou outra ‘coisa’ (em termos de abordagem ou de método) que acreditei poder utilizar na psiquiatria, na penalidade, na história natural pode lhes servir, fico satisfeito. Se forem obrigados a recorrer a outros ou a transformar os meus instrumentos, mostrem-me, porque também poderei lucrar com isso.” (FOUCAULT 1976[1979, p. 155])

Alguns desafios se abrem como perspectivas do presente debate: por um lado, novas ideias para o tema da subjetividade; por outro, a produtividade da incorporação dos dispositivos heterotópicos para a análise de práticas languageiras. Perspectivas a serem exploradas em trabalhos futuros, sempre partindo de formas constituídas e experimentando novos devires.

¹² Alteramos a redação do trecho “Quem encarasse a análise dos discursos somente em termos de continuidade temporal seria necessariamente levado a analisá-la e encará-la como ...” ao cotejá-la à sua versão em italiano (FOUCAULT 1977), por considerarmos mais adequado compreender como complemento dos verbos *analisar* e *encarar* não “a análise”, mas sim “os discursos”. Por razões da mesma ordem, preferimos substituir o sintagma “se transformam em ... relações de poder” da edição brasileira pelo correspondente “se transformam por meio de ... relações de poder” da versão em italiano.

Concluimos nossas reflexões acompanhando Borges com sua citação de Chesterton (1874-1936), poeta, dramaturgo, jornalista e crítico de arte inglês que ficou conhecido como “príncipe do paradoxo”, cujo talento Borges equiparava ao de Kafka e Edgar Allan Poe. Se dizemos, no presente contexto, que acompanhamos Borges é porque, acima de tudo, compartilhamos sua sensibilidade ao subscrever a irônica equiparação de Chesterton das línguas humanas a “grunhidos e chiados” quando se trata de traduzir as múltiplas nuances da realidade:

O homem sabe que há na alma matizes mais desconcertantes, mais inumeráveis e mais anônimos que as cores de um bosque outonal ... Crê, no entanto, que esses matizes, em todas as suas fusões e conversões, podem ser representados com precisão por meio de um mecanismo arbitrário de grunhidos e chiados.” (BORGES 1952[1974 p. 709])

Agradecimentos

Por viabilizarem um espaço de pesquisa em nossos trabalhos, agradecemos o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ/Brasil) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - com seu Prociência e com a carga horária alocada em atividades de pesquisa.

Contribuição

Décio Rocha: Conceptualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita – análise e edição; **Bruno Deusdará:** Conceptualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita – análise e edição.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. 1958. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/bachelard-a-poc3a9tica-do-espaco.pdf> Acesso em: 30 mar 2022.

BORGES, Jorge Luis. El idioma analítico de John Wilkins. *In:* BORGES, Jorge Luis. **Otras Inquisiciones.** Buenos Aires: Emecé editores, 1952 [1974]. Disponível em:

<https://estudiosliterariosunrn.files.wordpress.com/2011/09/borges-jorge-luis-otras-inquisiciones.pdf> Acesso em: 25 mar 2022.

CERTEAU, Michel de. **Heterologies**: Discourse on the order. Manchester: Manchester University Press, 1986.

DEFERT, Daniel. Heterotopia: tribulações de um conceito entre Veneza, Berlim e Los Angeles. In: FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2009[2013].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Rhizome**. Paris: Minuit, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Tradução de Aurélio Neto e Celia Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Análise cartográfica do discurso – temas em construção**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas – uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de António Ramos Rosa. Lisboa: Portugalia, 1966 [1967].

FOUCAULT, Michel. Des espaces autres. **L'Architettura**, Cronache e Storia, v. XII, n. 150, 1968, pp. 822-823.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1976[1979].

FOUCAULT, Michel. **Microfísica del potere – interventi politici**. Tradução de Alessandro Fontana e Pasquale Pasquino. Torino: Einaudi, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**, tome IV: 1980-1988. Direção de D. Defert e F.Ewald, com a colaboração de J. Lagrange. Paris: Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. As heterotopias. In: FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2009[2013].

GOBBI, Nelson. Notícias de uma guerra particular. **O Globo**, 01/03/2021, Segundo Caderno, Rio de Janeiro, p. 1.

JOHNSON, Peter. Brief history of the concept of Heterotopia (revised). In: **Heterotopian Studies**, 2016.
Disponível em: <http://www.heterotopiastudies.com> Acesso em: 20 mar 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. **Fractal, Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 391-414, 2013.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia** – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SOJA, Edward. **Thirdspace**: journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1996. Disponível em: https://kupdf.net/download/edward-w-soja-thirdspace-journeys-to-los-angeles-and-other-realandimagined-places-1pdf_5a99624ee2b6f5d6013a0912_pdf Acesso em: 10 mar 2022.

Recebido em: 13 de abril de 2022

Aceito em: 23 de maio de 2022

Publicado em agosto de 2022

Décio Rocha
E-mail: rochadm@uol.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2342-4976>

Bruno Deusdará
E-mail: brunodeusdara@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0429-8580>